

Uma voz que ainda soa: Honório Armond, poesia reeditada

NILZE PAGANINI

*Doutora em Letras: Literaturas de Língua Portuguesa pela PUC-Minas e
Mestre em Letras: Estudos Literários pela UFMG*

LUIZ ANTÔNIO PAGANINI

Doutor e Mestre em Letras: Estudos Literários pela UFMG

MUZZI, Eliana Scotti; MENDES, Nancy Maria (org.). *Poesia completa de Honório Armond*. Belo Horizonte: Veredas & Cenários, 2011. 324 p.

O poeta Honório Armond, nascido em Barbacena, Minas Gerais, em 1891, e falecido em 1958, publicou três livros durante sua vida, cada qual com apenas uma edição. O primeiro deles, *Ignotae deae*, foi publicado em 1917. Quatro anos depois, saiu *Perante o além* e, em 1932, foi ao prelo o volume com o título em francês *Les voix et les bonheurs*. Armond, porém, continuou a divulgar seus poemas de forma esparsa em diversos periódicos. No ano de 1991, a Academia Barbacenense de Letras reuniu os três livros em um só volume e, em 2011, como parte das comemorações do centenário do poeta, foi lançada a *Poesia completa de Honório Armond* aos cuidados das pesquisadoras Eliana Scotti Muzzi e Nancy Maria Mendes. As organizadoras desta mais recente edição desenvolveram carreira acadêmica na Universidade Federal de Minas Gerais e têm várias publicações em periódicos especializados na área dos estudos literários. Doutora em Letras Modernas pela Université de Besançon, França, Eliana Scotti Muzzi é estudiosa do teatro francês, do barroco e da obra dos poetas mineiros setecentistas, especialmente de Cláudio Manuel da Costa, tendo participado da edição da poesia completa deste autor que faz parte do livro *A poesia dos inconfindentes*, publicado pela Nova Aguilar. Já Nancy Maria Mendes é Doutora em Literatura e Cultura Francesas pela Université Sorbonne-Nouvelle - Paris III. Entre seus trabalhos estão o livro *Uma galeria de pintores holandeses no romance proustiano*, da editora Annablume, e a organização do volume *O barroco mineiro em textos*, da editora Autêntica.

Além de poeta, Honório Armond foi professor, tendo trabalhado em instituições de ensino de algumas cidades do interior de Minas. Em sua biografia, há um episódio interessante ocorrido em 1927. Os jovens modernistas mineiros, liderados por Carlos Drummond de Andrade, decidiram realizar um concurso para escolher o “Príncipe dos Poetas Mineiros” por meio do jornal *Diário de Minas*, de Belo Horizonte. A ideia era a de criar algo para afastar a monotonia e o tédio da vida literária da capital mineira. Segundo as memórias poéticas drummondianas publicadas em *Boitempo III*, os poetas Augusto de Lima, Belmiro Braga e Mário Matos receberam votos, mas quem ganhou o título foi Honório Armond. No ano seguinte, Armond entrou para a Academia Mineira de Letras, passando a ocupar a cadeira número 38. Ele teve dois importan-

tes admiradores no campo literário: Abgar Renault e Guimarães Rosa, com quem manteve correspondência. Armond enviou ao romancista dois poemas em francês, um dos quais a ele dedicado.

Armond não seguiu a corrente modernista predominante na primeira metade do século passado, mas produziu uma obra eclética, caracterizada pela combinação de elementos do Parnasianismo, do Decadentismo e do Simbolismo. É preciso observar que, no início do século 20, era bastante comum o ecletismo literário em Minas e em outros estados brasileiros. Muitos exemplos de diálogos com o Decadentismo podem ser encontrados na obra do poeta barbacenense. Eles aparecem bem evidentes nos versos de “Amor”, que faz parte do livro *Perante o além*: “Para o lirismo desses decadentes / - os Arautos do Reino da Utopia - / O Amor não passa de Melancolia, / de Sonhos e Luas lactescentes...” (MUZZI; MENDES, 2011, p. 163) e, se tomarmos o poema “Visão Noturna”, escrito no último ano de vida de Armond, percebe-se que ele ainda continuava muito próximo dessa corrente literária já na segunda metade do século 20: “O mal, o eterno mal, o Mal em suma / - que tentou Cristo e enfureceu Caim - / noites atrás, bolsando fel e espuma, / juro-te, irmão! passou o Mal por mim!” (MUZZI; MENDES, 2011, p. 255).

Permanecendo dentro de um ambiente poético que remetia à Europa do final do século 19 e início do 20, apesar de ter assistido a várias mudanças mundiais, inclusive no campo do fazer poético, Honório Armond manteve um diálogo constante com a poesia francesa, tanto é assim que publicou um livro todo escrito em francês. Os ecos da poesia de Baudelaire estão muito evidentes nos livros de Armond, do mesmo modo como a de outros poetas franceses, como destacou Muzzi, que discorreu justamente sobre essas reverberações. No texto “Conflito e conciliação: bilinguismo na poesia de Honório Armond”, a pesquisadora mostrou os pontos de convergência e de distinção entre o poeta mineiro e Baudelaire, mas ressaltou que *Les voix et les bonheurs* não é um livro de homenagens e dedicatórias a outros escritores. A língua francesa teria sido pensada especialmente para esse livro, estruturado simetricamente em duas partes compostas por sete poemas cada uma, criando um espaço em que o poeta teria se expressado de forma menos suave do que nos outros livros escritos em português.

Outra característica da poesia de Armond também é evidente: uma educação literária baseada na herança clássica, permeada fortemente por elementos do cristianismo. Os títulos em latim de vários poemas apontam para a formação religiosa do poeta. Já no poema “*Solvent saecula*”, objeto do estudo introdutório de Nancy Maria Mendes, “Afinidades eletivas: intertextos na poesia armondiana”, nota-se a interlocução do escritor barbacenense com a obra de Edgar Allan Poe, Antero de Quental, Hermes Fontes e Augusto dos Anjos. As ressonâncias da poesia de Augusto dos Anjos, por exemplo, podem ser observadas ainda nos versos de “Credo de um monista”, de *Perante o além*: “Creio na Vida Universal que emana / do protoplasma de onde o Ser deriva... / Creio na Eterna Essência informe e esquiva / Que o *Fungus* fez e fez a Espécie Humana...” (MUZZI; MENDES, 2011, p. 143). No entender de Mendes, todos esses poetas com os quais Armond dialogou teriam em comum, na sua poesia, a questão da morte, o tormento existencial, a dúvida religiosa e ausência de alívio para um sofrimento persistente. Em alguns momentos, as dúvidas, os questionamentos sobre o sentido da vida, o desânimo e o sofrimento levam o sujeito poético a um desejo de morte. Em “To Die... To Sleep... To Dream...”, citação de Shakespeare, o sujeito poético imagina o próprio suicídio: “Nas minhas noites lúgubres eu penso / em trespassar o coração a bala. / Salta-me à gorja um desespero intenso, / um ódio surdo a vida me avassala...” [...] (MUZZI; MENDES, 2011, p. 154). Além desses traços intertextuais, pode-se perceber uma

relação da obra de Honório Armond com a teoria evolucionista, com a corrente da poesia científica e cogitações de ordem esotérico-religiosa provenientes de tradições judaico-cristãs e também não cristãs, como demonstra a epígrafe do soneto “A grande ilusão”, extraída da obra do filósofo indiano Sankara, e várias referências ao budismo.

Honório Armond manteve certa constância em suas temáticas e dedicou toda a sua existência aperfeiçoando-se na composição de sonetos. É interessante a explicação de Eliana Scotti Muzzi para a preferência de Armond por esta forma poética. De acordo com a estudiosa, a divisão entre dois quartetos e dois tercetos ofereceria um espaço agônico para a exposição do embate vivenciado pelo eu poético, dividido entre “sentimento e razão, ciência e fé, espírito e matéria” (MUZZI; MENDES, 2011, p. 28). Esta edição traz também um prefácio de Melânia Silva de Aguiar, no qual a especialista em Literatura Brasileira indaga os motivos que fariam com que um autor reconhecido por seus pares, como Honório Armond, fosse colocado no esquecimento depois de algum tempo.

Para Aguiar, uma conjunção de fatores externos à obra de um escritor poderia explicar a sua situação de relativo ostracismo na literatura brasileira. Entre outros, ela menciona o desinteresse do próprio autor em republicar e divulgar seus escritos, a sua falta de prestígio social e o seu não-pertencimento a um grupo literário em expansão.

Resultado de uma pesquisa em arquivos e bibliotecas nacionais, a presente edição tem o mérito de disponibilizar aos leitores contemporâneos os livros de Honório Armond, seus vários poemas que se encontravam dispersos em periódicos e mais três inéditos, além de relembrar a sua história.

A *Poesia completa de Honório Armond* traz ainda uma série de notas explicativas, um glossário de termos de uso mais raro em português utilizados nos poemas e outro de expressões latinas, com tradução a cargo do Professor Antônio Martinez de Resende, facilitando, assim, a aproximação do leitor ao sentido dos textos. Outras importantes contribuições deste livro para os estudiosos de literatura foram a apresentação de uma lista de variantes colocadas em apêndice e a elaboração de um elenco de referências bibliográficas, entre as quais estão todos os textos de e sobre Honório Armond encontrados pelas organizadoras.

Um ponto falho desta edição são as fotos sem legendas. Há apenas uma nota no início do livro comunicando que as imagens dos manuscritos de Honório Armond são reproduções do arquivo Guimarães Rosa, que se encontra no Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, e o de Sérgio Ayres, localizado em Barbacena. Talvez tenha sido uma opção da editora e não das organizadoras, mas uma providência deste tipo enriqueceria o material apresentado e informaria melhor ao leitor. Este detalhe, porém, não obscurece o trabalho das organizadoras nem constitui um empecilho à finalidade a que se propuseram com este livro.